

## Eleonora de Lucena

Ela tem sobre os ombros, já há muitos anos, a responsabilidade de editar o maior jornal do País, a Folha de S. Paulo. Discreta, fala mansa, olhar atento, não demonstra a menor intenção de ser notícia. Falar dela, nessas circunstâncias, foi um duplo desafio: vencer de um lado a sua timidez e, sem pleno sucesso, compor uma edição que pudesse retratar de algum modo a sua personalidade e a sua história profissional.

Fosse outro o profissional, talvez essa edição nem saísse. Mas **Célia Chaim**, mesmo com alguns problemas de saúde, não se deixou abater e foi à luta, assim que decidimos conjuntamente que o nosso próximo personagem seria ela, **Eleonora de Lucena**, de quem pouco se ouve falar, mas que tem, pelo cargo que ocupa e pelo trabalho que realiza, uma importância imensa para o jornalismo brasileiro contemporâneo.

Célia valeu-se muito de sua memória, do conhecimento que tinha e tem de Eleonora, dos tempos em que trabalhou na Folha, sob sua direção, e também de pesqui-



sa, de depoimentos de amigos e de conversas com a própria Eleonora, que embora tenha aceitado participar do nosso projeto, em nenhum momento sentiu-se à vontade em se expor.

Tanto ou mais do que Tostão, nosso outro personagem tímido, que valeu uma edição deliciosa, esse pequeno perfil de Eleonora é mais uma peça de bom jornalismo que a nossa editora-contribuinte, Célia Chaim, entrega e que nós temos a satisfação de compartilhar com nossos leitores.

**Eduardo Ribeiro e Wilson Baroncelli**  
Editores

## Os maratonistas

**Eleonora de Lucena**, editora-executiva da Folha de S. Paulo, é maratonista todos os dias para fechar o maior jornal do País. São muitas editorias – Política, Brasil, Cultura, Esportes, Cotidiano e por aí vai. São grandes colunistas, escritores, intelectuais. De **Carlos Heitor Cony** ao debochado e imprescindível **José Simão**. A Folha é um pequeno mundo e uma enorme redação, com cerca de 300 pessoas. Ela trabalha muito.

Mas não é só trabalho. Festejou seus 50 anos com um churrasco gaúcho – tido como o melhor do Brasil – preparado pelo marido (há 29 anos) **Rodolfo Lucena**, editor de Informática da Folha, o mais eclético jornalista que conhe-

ci na minha vida. Logo, logo você saberá por quê.

Essa gaúcha clarinha, bonita pela própria natureza, veio parar em São Paulo depois de algumas experiências jornalísticas, entre elas no jornal Zero Hora. Caiu num ninho de coisas desinteressantes (quem é responsável pelo termo “desinteressante” sou eu, que na época trabalhava nas revistas da Gazeta Mercantil) e, depois de algum tempo, foi para a Folha, primeiro como repórter, depois como editora de Economia e em seguida como editora-executiva. Anos atrás, quando o pessoal da Folha era “o pessoal da Folha”, quando um dos muitos chefões era chamado pelo mercado de “leão da selva” e **Matinas Suzuki Jr.**, super-mo-

derno, a estrela do jornal, Eleonora, ali no seu espaço de Economia, chamava a atenção pela competência quase muda – bem do jeito que ela é. Editora-executiva – quem viu não esquece –, passou ilesa pelas repentinas bajulações. Talvez, como diria minha mãe, Eleonora tem “it”, expressão antiga que aparece no Aurélio como “magnetismo”, algo que não se compra nem se empresta. Um a zero para Alcina, minha mãe, um dicionário falante de expressões de uso antigo, dona de uma aritmética que a permitiu passar vários anos nos 38 e que agora emperrou nos 70.

Eleonora não fala nada disso. É discreta demais, simples, sabe lidar com situações as

mais inusitadas, e assim, com competência, contribuir muito para a ascensão do jornal. Por conta da função, é ligada em todas as editorias – Brasil, Política, Esporte, Cultura, Comportamento, Tecnologia e sabe-se lá mais o quê. Uma baita responsabilidade. Mas ela não fica sem dormir.

Chega em casa feliz da vida por ter feito mais uma boa edição. Chega “leve”, sem empurrar para um e outro as mazelas do dia. Como chefe, não hesita em colocá-la na minha memória ao lado de quatro outros pelos quais ainda sou apaixonada: **Zuenir Ventura**, **Ricardo Setti**, **Orivaldo Perin**, e o italianíssimo, barulhento, genial **Mino Carta**. É pouco? É pouco porque são poucos mesmo –

## De onde vim

Nasci em Porto Alegre em 1957. Sou a primeira de seis filhos. Meu pai é engenheiro e minha mãe era arquiteta. Na infância, gostava muito de andar de bicicleta, de jogar sapata (amarelinha), de ler, de escrever. Brincava com meus irmãos e tinha um grupo grande de amigos na rua. Nos verões, adorava tomar banho de mar. Sempre estudei em escolas públi-

cas. No ginásio, no Colégio de Aplicação da UFRGS, comecei a me interessar pelo Jornalismo. Participei do jornal da escola. Na hora do vestibular, hesitei entre Jornalismo e História. Fiz os dois cursos paralelamente (embora não tenha me formado em História). Logo comecei a trabalhar e mergulhei com intensidade na profissão.



**Philips. Uma das empresas com o maior número de patentes do mundo.**

Na Philips, todos estão sempre pensando em antecipar o futuro. O resultado disso são milhares de novos projetos, idéias e conceitos todos os anos. Tanto que foi a Philips que inventou o CD e a TV que menos consome energia do mundo.

**PHILIPS**  
sense and simplicity

ao menos para a minha experiência. E posso citá-los sem nenhum constrangimento porque não estou à procura de emprego.

Sobre Eleonora, **Otávio Frias Filho**, diretor de Redação da Folha, intelectual educado, crítico do jornalismo, diz: “Eleonora é uma excelente profissional de jornalismo. É inteligente, tem uma boa formação em história, sobretudo história econômica, é organizada e trabalha muito. Conhece bem a Folha, onde trabalha há quase 25 anos, tendo exercido com êxito funções de repórter, redatora, editora e secretária de Redação. Tem uma clara noção estratégica a respeito do jornal. Escreve bem. É muito ciosa quanto a aspectos éticos da profissão e cultivava uma simplicidade de hábitos que se coaduna com imagem da Folha”.

O outro lado da vida de Eleonora tem nome, o mesmo sobrenome e uma história de muita aventura, compartilhada por ela e pelo editor do caderno de Informática da Folha. **Rodolfo Lucena**, e suas duas filhas, Laura, 26 anos, e Claudia, 25. Os dois se conheceram na Faculdade de Jornalismo, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (daí a habilidade dele de fazer inesquecíveis churrascos). Não é só churrasco e jornalismo que ele faz com maestria. Rodolfo, acredite se quiser, é também um maratonista “animal”, o grande elogio da moda, consagrado pela molecada. Depois de uma vida de sedentarismo, começou a correr em 1998 e logo virou maratonista: passou a rodar o mundo atrás de provas belas e complicadas. Publicou em 1976 o livro de contos *Abertura 1812* (Editora

Movimento) e, anos depois, *Maratonando, Desafios e Descobertas nos Cinco Continentes* (Editora Record), de reportagens sobre suas aventuras cor-

ridas. Vende numa ótima balada, o que o faz planejar outras maratonas escritas. É co-fundador da equipe Nossa Turma e primeiro integrante do grupo

Foto: Bettina Musatti/Folha Imagem



Frederico Vasconcelos e Eleonora de Lucena na editoria de Economia da Folha (24/5/1988)

MarathonManiacs na América Latina.

*Você faz tudo isso com 51 anos, Rodolfo? Tem gente que faz com 70, ele responde.*

E tem gente com mais de 70 que dá banho em ousadia e perspicácia e que Eleonora e Rodolfo certamente colocam no topo do topo dos grandes pensadores e escrevinhadores brasileiros: **Janio de Freitas**, colonista e membro do Conselho Editorial da Folha de S.Paulo. um dos mais importantes jornalistas brasileiros. Por que ele entra nessa história? Porque na “orelha” do livro *Maratonando* escreve 25 preciosas linhas. Um trecho especial: “O maratonista Lucena corre sempre em busca do encontro: ‘Rodolfo, eu ouvi, e logo vi Eleonora, mandei bei-

jos e eu-te-amos e depois nos abraçamos’. E lá vão os dois, maratonando, amaratonando, namoratonando”.

Viva Janio de Freitas!

Fora das maratonas, Eleonora e Rodolfo se divertem no cinema, com livros e em óperas. Os dois adoram os Rolling Stones, conjunto formado em 25 de maio de 1962 e que ainda hoje dá muita *satisfaction* para jovens e adultos de todas as idades. Também vem de anos atrás o gosto do casal pelo grupo Pink Floyd – que, tantos anos depois, ainda hoje me faz ouvir dentro de casa, por meu filho de 14 anos, “We don’t need no education / We don’t need no thought control / No dark sarcasm in the classroom / Teachers leave them kids alone”.

## Cuidado! Perigo à frente

Para fazer uma boa carreira na profissão que escolhi tive que engolir muitos sapos, ou melhor, muitos chefes nos estilos os mais variados. Alguns são inesquecíveis pelo bem, como **Cláudio Abramo** e seu sobrinho **Perseu, Mino Carta...** Lembro de outros pelas esporas, tão arrogantes quanto o salto alto de alguns que, na hora H, não admitiam ter interferido de maneira danosa na matéria. Lembro também de um diretor que, encerrada uma matéria sobre a Folha de S.Paulo, acrescentou qualquer coisa besta atribuída a Elio Gaspari. Claro que Gaspari ligou para saber de onde tinham tirado aquilo. E o meu diretor, valente como uma porta, atri-

buiu aquela besteira a mim. Lembro ainda da história hilariante de um diretor de Redação que me pediu uma capa sobre um santo. Comprei livros, falei com estudiosos e fiz a matéria. O que ouvi: você não tem nenhuma frase dele? Não, porque toda a literatura sobre o santo diz que ele não falava uma palavra e eu, infelizmente, não tinha o poder de falar com ele. A capa saiu, “péssima” segundo meu chefe. Por que então saiu?

Valorizo mais ainda o talento de Eleonora diante dessas aberrações. Teria muitas outras histórias para contar, com o interesse de contrapor a editora-executiva da Folha, a quem conheço há muitos anos, desde que voltei da Swing London para levar a vida a “sério”. Tem

## Maratonando na África do Sul

*“Eleonora, eu te amo” foi a última frase que eu gritei antes de cruzar a linha de chegada, depois de 56 quilômetros corridos, caminhados, chorados, conquistados nas montanhas, vales e planícies da Maratona de Dois Oceanos, sob o sol de mais de 30 graus que iluminou o dia 30 de março de 2002, na Cidade do Cabo, África do Sul.*

*Meu grito foi de paixão e agradecimento por quem acompanhou, inspirou, reclamou, incentivou, organizou postos de abastecimen-*

*to em “longões”, sofreu e se divertiu durante os cinco meses de treinamento que me levaram até o fim de primeira ultramaratona.*

*O dia começou cedo para nós. O despertar foi às 4 horas. Tomamos o café no quarto: duas fatias de pão para cada um (Eleonora, que parecia mais agitada do que eu, mal comeu as dela), banana e chá de camomila... Iríamos tentar completar uma travessia que eu iniciara no começo do ano, passando por três treinos duros, momentos de desânimo, roda-*

*gens solitárias de várias horas, só acompanhado e apoiado pela Eleonora, e um final de preparação muito alvissareiro...*

Páginas e páginas adiante nessa história (afinal só o livro *Maratonando* pode contar tudo dessa aventura), Rodolfo escreve: “Eu segui correndo, vi o pórtico, gritei ‘Eleonora’, mas ela não estava lá. O pórtico também não era o da chegada... Passei em 6h11m no meu cronômetro. Fui cumprimentado pela diretora da prova, bebi um refrigerante e cheguei até Eleonora... O beijo da vitória,

abraços e mais um troféu especial, um corredor feito de arame, construído naquela manhã mesma, por um artesão local, sob a orientação de Eleonora. Saímos para a foto sob a bandeira brasileira, que está lá por mim e eu por ela, único brasileiro nesta edição da *Two Oceans Marathon*”.

“Quanto mais velho for o atleta, mais deve se cuidar, mas isso não significa carta branca para que os mais jovens façam o que lhes der na telha. Cuide-se e viva feliz.” – Rodolfo Lucena

só mais uma história, hilariante contada agora, a daquele integrante dos "Irmãos Metralha" que, inseguro como uma planta de bambu que tenho no jardim, pisoteava nos subordinados. Gritava e com seus berros atemorizava a redação. Ele tinha um quadro em sua sala que refletia a sua imagem – o que viu esse quadro! Pedi demissão, respirei aliviada, quando uma pessoa do RH me chamou para saber porque estava saindo. "Quero mudar de ares", disse, sem jamais mencionar que a culpa era dele – um pobre coitado que nunca havia comido melado e quando comeu se lambuzou.

Eleonora tem uma legião de jornalistas que a colocam nas

nuvens pela competência com que comanda o maior jornal do Brasil. Outros a criticam nos bastidores. Muitos certamente porque sonham em ocupar o cargo dela. Soltam *flashes* invejosos sobre sua atuação – um tipo muito comum na praça. Outros a criticam porque acham que deveria ser mais ousada, mais rebelde às regras da casa. Alguns ainda porque gostam de criticar tudo. Os críticos rinocerontes chegam à covardia de – isso em 2008 – dizer que um homem é sempre melhor no comando. Devem ser daquele tipo que xingam mulheres ao volante.

Eleonora é ela e qualquer comentário a favor ou contra não a tira do trilho. E pronto!

## Perguntar não ofende

Ela participou, no ano passado, do *Roda Viva* que entrevistou **Franklin Martins**, então convidado pelo presidente Lula para assumir a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, com *status* de ministério, para cuidar da área de imprensa e publicidade do Governo Federal. Trechos do bate-bola do programa da TV Cultura, na época ainda comandado por **Paulo Markun**, atual presidente da emissora pública (hoje, o programa é conduzido por **Lillian Witte Fibe**), servem de bom exemplo para mostrar o estilo de perguntadora incansável de Eleonora.

**Eleonora de Lucena** – O senhor se filia ao PT?

**Franklin Martins** – Não entendi...

**Eleonora** – O senhor se filia ao PT?

**Franklin** – Não.

**Eleonora** – Por que não?

**Franklin** – Não sou filiado a partido nenhum e não estou interessado em me filiar.

**Eleonora** – O senhor acha que o PT é melhor, pior, aconteceu alguma coisa depois do escândalo do mensalão?

**Franklin** – Estou trabalhando no Governo e não no PT, acho

que o Governo aprendeu com a crise. As pessoas, as instituições são melhores quando aprendem com seus erros e a situação.

**Eleonora** – Ministro, o senhor é favorável à anistia ao ex-deputado José Dirceu?

**Franklin** – Como?!

**Eleonora** – O senhor é favorável à anistia política ao ex-deputado José Dirceu?

**Franklin** – Acho que não é a questão do momento. Acho que o deputado José Dirceu foi objeto de um julgamento político. O Congresso, diante do caso que foi apresentado, fez um julgamento político, decidiu cassar o mandato dele e retirar os direitos políticos dele por oito anos.

**Eleonora** – Como o senhor se

define hoje? O senhor se considera um socialista?

**Franklin** – Sou um homem de esquerda. Muita gente acha que não existe esse negócio de direita e esquerda...

**Eleonora** – O presidente é de esquerda?

**Franklin** – Acho que é. Sem dúvida, ele lidera um governo de centro-esquerda, e acho que o presidente é um homem de esquerda. O que define isso? Esquerda é quem acha que o mundo é injusto e não muda naturalmente, ou seja, o mercado apenas aprofunda, magnifica a injustiça. O mercado não reduz a injustiça. Para isso é necessária apreciação política, o papel do Estado corrigindo as distorções que o mercado faz. Evidentemente você tem enormes matizes dentro do que



Walter Barelli (esq.), Eleonora de Lucena e Joaquim Elói de Toledo durante debate no edifício-sede da Folha (6/2/1989)

é ser de esquerda. Mas basicamente ser de esquerda é quem acha que a injustiça não é natural e pode ser modificada.

**Eleonora** – O senhor se colo-

caria à esquerda do presidente ideologicamente?

**Franklin Martins** – Eu me considero no momento cumprindo missões que o Governo me dá.

## Porque amanhã tem jornal...

(trecho do texto que a Eleonora leu no velório de Octavio Frias de Oliveira, em 1º/5/2007)

"Cada um de nós guardará com carinho essas lembranças particulares. O que fica em comum para todos é o aprendizado. Nesses anos de trabalho com o sr. Frias aprendemos a ser jornalistas e seres humanos melhores. Aprendemos a fazer perguntas, a buscar entender os diferentes lados de um problema, a reconhecer nossos erros e a lutar para superar nossas limitações. Aprendemos que é preciso

construir a cada dia um produto melhor, mais completo e aprofundado, voltado para o leitor. Aprendemos a não nos contentarmos com uma boa edição, com a liderança de mercado, com um furo ou com um resultado programado. Somos insatisfeitos e é assim que avançamos e crescemos. Aprendemos a importância de defender a democracia, o contraditório, o plural. Aprendemos que é necessário cultivar o espírito crítico e não

esquecer a dramaticidade dos abismos sociais e econômicos do Brasil. Sobretudo aprendemos que é vital ser independente, ter autonomia frente aos interesses dos poderosos da época e assumir as responsabilidades decorrentes disso.

A ousadia, a curiosidade e a energia de Octavio Frias de Oliveira contaminaram o Grupo Folha, e estão entranhados no seu cotidiano. Na Folha, no UOL, no Agora, no Valor Econômico, no Datafolha, na Pu-

blifolha e em todas as outras unidades do grupo buscamos seguir esse modelo. Um paradigma que já não pertence mais só ao Grupo Folha, mas que espalha raízes na mídia brasileira como um todo e é a referência para profissionais de diferentes gerações e regiões do País.

Fico por aqui. Pois, como sabia o sr. Frias, amanhã tem jornal..."

## Premonição?

O artigo *Defender o capitalismo*, que Eleonora escreveu na Folha de 22 de janeiro deste ano (2008), parece ter sido premonitório de toda essa crise que o mundo está vivendo:

“Mocinhos engomados e arrogantes colhem seus robustos bônus. Suas apostas foram catapultadas pela arquitetura de geração fácil de riqueza. Tiveram o incentivo dos chefes dos bancos e o beneplácito das autoproclamadas agências de risco. Como numa singela pirâmide, ou uma corrente de felicidade, anabolizaram cifras, inflaram créditos e prometeram aos incautos as maravilhas do luxo e da segurança. Embrulhadas em números gos-

tosos, as projeções escondiram um mundo oco. Enrolaram cidadãos, empresas, governos. Os acrobatas garantiram seus ganhos e agora assistem ao castelo desmoronar. Sincronizados, engavetaram os libelos pelo livre mercado. Com o rabo entre as pernas, clamam por socorro do arquiinimigo Estado.

Já foi dito que uma das funções do Estado moderno é defender o capitalismo de ações dos capitalistas. É precisamente o que acontece agora. O Estado – que organiza e agencia os interesses dos grupos dominantes – é chamado a agir assim nas crises. Afinal, é preciso que alguém assuma o controle da situação. Que possa atuar para além dos bônus anuais, do curto prazo, dos ganhos dos rentistas. Senão, no limite, o próprio modelo pode ser cor-

roído pela avidez desenfreada da busca por lucros privados. Assim, quando as perdas dos grandes se agigantam, é hora de o poder se reorganizar. Nesse momento, governos são instados a criar uma enorme rede de proteção aos capitalistas: dinheiro público barato para tapar rombos, perdões de dívida, cortes de impostos. Rapidamente é turbinado o mecanismo de socialização das perdas, após mais um ciclo exitoso de privatização de ganhos.

É preciso resgatar o sistema financeiro. Afinal, com suas diatribes, ele ameaça levar de roldão as famílias, as fábricas, as lojas – o pânico passa a rondar as economias. Não existe cordão sanitário ao redor das finanças globais. Estados Unidos, China, Japão, Europa e Brasil estão expostos à mesma tormenta.

O dia de ontem foi um exemplo disso. Uma prova de que o mercado quer mais. Mais dinheiro do Estado para pagar a sua conta e manter a ordem das coisas. Os bancos centrais vão ter que despejar mais dólares em socorro do mercado. Os bancos privados vão buscar mais apoio nos fundos estatais. Os EUA já articulam uma regra de calotes e um alívio para impostos. Passada a tempestade, serão propostas medidas de regulação das finanças, de controle sobre a ação dos fundos agressivos, de transparência para as agências de risco. É possível que os próximos capítulos sejam menos audaciosos para os mercados. Até uma nova geração de mocinhos. E sem estigma: eles são apenas peças mais visíveis dessa engrenagem chamada capitalismo.”

## Análise jornalística

Em outro artigo na Folha, de 2002, sobre como o jornal tratou a polêmica atriz Vera Fischer num “escândalo”, fica bem clara a visão de Eleonora sobre o jornalismo:

“Poucas personalidades no País expuseram tanto a sua vida pessoal ao público como a atriz Vera Fischer. Em sucessivas entrevistas, a ex-miss Brasil falou de tudo: de seus filhos, maridos, do consumo de drogas e de suas experiências sexuais heterodoxas. Em bares e em shows, revelou sua personalidade sem autocensura. Elogiada pela beleza e pelas qualidades de dramatização, virou o principal mito sexual no Brasil.

Por isso, quando a Redação da Folha recebeu a notícia da internação de Vera Fischer, sob suspeita de *overdose*, houve alvoroço. Nesses momentos, é preciso discutir como fazer uma edição sóbria, sem exageros ou hipocrisias.

Seria exagero superdimensionar o ocorrido. Seria hipócrita considerar que não havia notícia, que a internação intempestiva se restringia ao interesse privado da família da ex-Jocasta da TV.

Há um indiscutível interesse coletivo pela vida da atriz. Um fato que o jornal não pode ignorar em nome de uma falsa devoção à privacidade atingida. Foi a própria musa que escancarou a sua privacidade e fez disso instrumento para a



Foto: Niels Andreas/Folha Imagem

Eleonora de Lucena no fechamento da edição de Política da Folha no dia da eleição presidencial de 1994 (3/10/1994)

manutenção de sua imagem controvertida.”

Em seguida, Eleonora analisava tecnicamente a cobertura do jornal em diversos dias – cada nota, foto, sua hierarquia na primeira página (se acima ou abaixo da dobra), para con-

cluir: “(...) a cobertura do caso Vera Fischer na Folha teve um tom sóbrio e informativo. Sem ignorar a importância da personagem para o público e a curiosidade que o seu drama gera. Nossa pesquisa com os leitores comprova esse acerto.”

## Opostos que se atraem

Bell Kranz é uma jornalista que brinca, sim, em serviço – o que, ao contrário do que se pensa, é muito bom para o resultado final de seu trabalho. É criativa, tenho a impressão de que pode fazer matérias de alto conteúdo sem fechar a cara, de um jogo de futebol a uma troca de ministros, de Shakespeare a Zeca Pagodinho, dos desfiles de moda onde prevalece o “quanto mais magro melhor” às dicas de cultura. Bell tem no passado um pé no então chamado jornalismo nanico, abusado, divertido, corajoso, arrojado. Trabalhou no Canja, jornal fora de qualquer ordem, que falava de tudo, especialmente de música. Foi nos anos 1980, durou dois anos, mas arrepiou. É essa Bell, sempre

linda e cheia de idéias, que fala bem de Eleonora de Lucena, com quem conviveu por mais de cinco anos: “Ela é calma, educada, troca idéias, não cria problemas para quem quer trabalhar. Aprendi muita coisa com a Eleonora”.

Bell teve um contato próximo com ela. “Não existe ‘panela’ para Eleonora. Você pode gostar ou não do jeito dela, mas ela é assim”. Jornalistas interessados em criar a turma dos puxa-sacos não têm com ela a menor chance de obter alguma coisa em troca. Bell, que na minha opinião é cheia de idéias “barulhentas”, só tem a agradecer o que aprendeu com Eleonora.

## Midia impressa e internet

### Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa

Será que alguém vai ler jornais e revistas daqui alguns anos? Eu vou. Adoro esparramar jornais no sofá, ler a CartaCapital. Mas também leio, via internet, algumas notícias do dia e me delicio por ter acesso a jornais estrangeiros, como o argentino Página 12, o francês Liberation, o inglês Guardian e por aí vai. No dia 8 de junho passado, a Folha de S.Paulo publicou um artigo de Eleonora sobre esse tema que ganha cada vez mais discussões, um convite para você entrar no assunto.

...“Nos últimos anos, a discussão sobre o futuro dos jornais passou a freqüentar o de-

bate sobre comunicações. A internet – e suas infinitas possibilidades de informação e interação – é colocada como rival dos meios impressos, tachados de lerdos e opacos.

Preocupados com a adesão avassaladora dos jovens à rede de computadores, os jornais buscam a renovação e discutem sua função neste momento e seu espaço como negócio.

Tradicionais empresas jornalísticas já há muitos anos investem na internet e aproximam suas plataformas de informação. Embora sejam âncoras importantes na rede e ganhem audiências em crescimento exponencial, não encontram con-

trapartidas em suas receitas que possam justificar uma eventual transição do papel para a tela.

Ao mesmo tempo, a venda de jornais continua a crescer no mundo (2,6% em 2007), muito impulsionada por países como China e Índia – e Brasil, que teve alta de 11,8%.

Por aqui, onde a televisão ainda reina quase absoluta como em nenhum outro lugar do globo, a fatia dos jornais no bolo publicitário engordou. Foi de 19,4% em março último. A internet ficou com apenas 3,2%. Só no primeiro trimestre deste ano, a publicidade em jornais brasileiros aumentou 24%.

Esse vigor mostra o interesse e a confiança de leitores e anunciantes nos diários impressos e coloca em cheque previsões pessimistas. Os jornais condensam uma credibilidade difícil de ser replicada em outros meios e funcionam como uma bússola para o leitor imerso no caos informativo atual.

Apresentam um resumo organizado das notícias mais importantes das últimas 24 horas, selecionando e hierarquizando fatos, análises e opiniões. Já foi dito que os editores atuam como curadores de notícias para seus leitores.

Os jornais também são os principais responsáveis pelos chamados furos de informação, fatos inéditos e relevantes que são trazidos à luz contra interesses e em benefício da democracia. Trazem um mosaico de opiniões único e se tornam referência na discussão de idéias do País. Finalmente, são elogiados também por serem práticos, portáteis.

Nem por isso deixam de enfrentar questionamentos variados. Nos EUA, sempre referência nesse e em outros debates, os jornais registram vendas estáveis ou declinantes e sofrem golpes – muitos advindos da internet – que atingem sua ima-

gem de credibilidade e independência.

Lá e aqui não existem respostas definitivas sobre os caminhos para os jornais.

Como podem ampliar seu universo de leitores – especialmente em países, como o Brasil, onde o analfabetismo ainda é uma vergonhosa realidade? Como conseguir atrair as novas gerações bombardeadas pela multimídia? Como trabalhar com a internet? Como, enfim, melhorar a qualidade do produto despachado diariamente até a porta do consumidor antes do seu café da manhã?”



Sidinei Lopes/Folha Imagem

Editores e secretários de Redação da Folha discutem a edição do dia 12 de setembro sobre o atentado contra o World Trade Center (11/9/2001)

## O que será do meu jornal?

A propósito desse tema, o pensamento do diretor de Redação e *publisher* da Folha, Otavio Frias Filho, de certa forma complementa as opiniões de Eleonora (ou seria o contrário?):

“Tenho a impressão de que as várias modalidades de comunicação jornalística – inclusive a mais clássica, impressa – vão conviver, talvez por um período indefinido de tempo.

O jornal impresso continua sendo a síntese mais confiável, e além disso dotada de análise e interpretação, a respeito do que aconteceu de relevante nas últimas 24 horas. Seu formato físico oferece comodidades dificilmente superáveis.

Mas não há dúvida de que cresceu a competição pelo tempo e pelo dinheiro do consumidor de informações. Para enfrentar essa competição crescente, os jornais precisam aumentar e melhorar sua atividade na internet. Mas precisam também se reinventar mais uma vez, a fim de se tornarem mais atraentes, mais úteis e mais compreensíveis pela maioria de leitores. E precisam fazer isso sem desfigurar certos compromissos: preocupação com o interesse público, vigilância crítica sobre o poder, obrigação de veracidade e exatidão etc.”



## Eleonora, por outros olhos

“Trabalhei com a Eleonora na redação da Folha por mais de 15 anos, desde o lançamento do primeiro caderno de informática da imprensa brasileira, no início da década de 1980. Ela foi sempre uma presença necessária, que trazia equilíbrio, sensatez, discrição e conhecimento técnico (sobretudo na área de Economia), ali, onde, do nosso lado, era quase sempre desejo de ruptura, vontade de fazer barulho e de correr riscos nem sempre bem calculados.

Eleonora carregava com ela o segredo dos bons editores, a sabedoria que se transmite silenciosamente, geração após geração: esta sabedoria que ensina que um grande jornal se constrói carregando pedras todos os dias, com paciência e perseverança – e é tarefa de gente dedicada, que conhece a grandeza de ser quase anônima.” – **Matinas Suzuki Jr.**

“Eleonora de Lucena é uma das mais sérias e rigorosas chefes de Redação com quem já trabalhei, daquelas que são profissionais *full-time* mesmo. Parece a **Célia Chaim**, que foi minha chefe no velho JB... Não brinca em serviço e, pelo jeito, nem fora dele... Foi ela quem me levou de volta para a Folha, em 2001, a pedido do “seu” Frias, quando o jornal completou 80 anos. Fiquei lá pouco tempo porque logo no começo do ano seguinte fui chamado para trabalhar em mais uma campanha presidencial do então candidato Lula. Mas foi o suficiente para entender porque ela está há tanto tempo chefiando a Redação do maior jornal do País. Cobrava bastante da gente, mas dava todas as condições e recursos para se fazer uma boa reportagem. Só nunca foi para o bar comigo como a Célia fazia.” – **Ricardo Kotscho**

Considero Ricardo Kotscho o melhor repórter brasileiro. “Vamos pra rua, moçada”, dizia ele aos jornalistas que trabalhavam na sucursal do Jornal do Brasil, anos atrás. Foi na rua que ele descobriu grandes reportagens, ganhou muitos prêmios – inclusive quatro vezes o *Esso de Jornalismo*, o mais importante da categoria no Brasil. Não precisava de nada para pegar o rumo da rua – apenas do motorista Ferreirinha, também ele um repórter de faro apurado –, para chegar, poucos dias depois, com uma reportagem que certamente estaria na capa do jornal. Uma das melhores dele: sua matéria sobre negócios dos índios caiapós, encomendada pela VIP, foi paga e rejeitada por não se ajustar ao

estilo da revista. Kotscho foi a Playboy; recusada pelos mesmos motivos. Como havia recebido pagamento da VIP, achou que deveria procurar outra revista da Abril. Passou pela Superinteressante e voltou para casa na companhia dos caiapós. Ao levar a reportagem à revista Caminhos da Terra, ninguém demorou para perceber que aquela matéria era “ouro puro”. Era 1994, 40 anos do *Prêmio Esso*, quando alguns mais iluminados e “ilustrados” não demoraram muito para decidir que Kotscho era o dono do prêmio do ano. “Quem entregou o prêmio para mim foi José Sarney e eu, vendo um companheiro ao lado dedicar ao patrão, resolvi dedicar o meu para Lula”, lembra ele.



Foto: Antônio Gaudério / Folha Imagem. Digital

*Eleições Presidenciais, 2002: o candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e a editora-executiva da Folha, Eleonora de Lucena, durante a abertura da série Candidatos na Folha, no Teatro Folha, em São Paulo. Lula foi sabatinado durante cerca de duas horas e 15 minutos por Eleonora de Lucena, Clóvis Rossi, Gilberto Dimenstein e Luís Nassif, todos os três colunistas e membros do Conselho Editorial da Folha, além de leitores do jornal que, da platéia, participaram com perguntas (12/8/2002)*

## Buemba! Buemba!

Urgente! O esculhambador-geral da República, diretor do país da piada pronta, provavelmente não mandou o prometido depoimento sobre Eleonora porque esses dias tumultuados, com eleições aqui e nos

Estados Unidos, consumiram todas as suas forças. Vejam só o que ele contou numa de suas colunas sobre Obama, candidato com muitas chances de chegar à Presidência dos Estados Unidos:

“Diz que o Barack Obama

tá andando com o maior esquema de segurança da história americana. Por isso, a piada: diz que Obama morreu, foi pro céu e anunciou a São Pedro: sou Obama, o primeiro candidato negro eleito nos Estados Unidos. E São Pedro: O quê?

Os Estados Unidos elegeram um presidente negro? Quando foi isso? Há meia hora.”

Simão, me empreste o seu colírio alucinógeno para eu esquecer que você me deixou na mão.

### Expediente

**J&Cia Entrevista** é um informativo produzido pela M&A Publicações e Eventos • Tel. **11-5576-5600** • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Barancelli** (barancelli@jornalistasecia.com.br) • Coordenadora: **Célia Chaim** (celiachaim@uol.com.br) • Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistas&cia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant’Ana** (psantana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br). Fotos: Arquivo Reali Júnior.